



Romildo, Maria Helena e Munira



Aurea Lowenkron e Gallego

Amor e Ódio na Contemporaneidade

O início do *Simpósio Amor e Ódio* nos brindou com excelentes exposições sobre o tema pelos psicanalistas Romildo Rego Barros e Munira Aiex. O trabalho de Munira, apresentado com clareza e vivacidade, alertou para o mal estar na contemporaneidade e suas implicações na organização social e na constituição dos sujeitos na atualidade. Romildo nos lembrou o pensamento de Freud, quando este define psicanálise como “uma terapia pelo amor”. Explicou que amor e ódio não mantêm simetria afirmando a anterioridade do ódio em relação ao amor e seus destinos independentes. Explanou o conceito de gozo como sendo a existência de objetos em excesso e consumismo como a troca de um objeto por uma série infinita, o que exclui o trabalho de luto. O excesso, sem desejo e sem neurose, geraria uma nova psicanálise.

O interesse despertado na platéia por um membro de uma sociedade lacaniana mostrou que o aprofundamento conceitual pode ser compartilhado por todos.

Claudio Frankenthal

Sonata de Outono e Inverno de Michael Jackson

Nos primeiros dias do inverno tivemos oportunidade, através da dedicação de Luiz Gallego e do Conselho Científico, de retomar contato com um belíssimo exemplar da obra de Ingmar Bergman, através da sessão de cinema da *Sonata de Outono* no *Simpósio Amor e Ódio* da nossa Sociedade. A casa cheia [auditório com lotação quase esgotada] e o rico texto de Áurea Lowenkron sobre o filme acrescentaram valor e profundidade à noite. Gallego nos brindou, como sempre, com inúmeras informações e reflexões do próprio Bergman e atores envolvidos, que muito contribuíram para as discussões que se seguiram.

Para quem não pôde comparecer, o filme [disponível em DVD em algumas locadoras] nos traz a relação conturbada de mãe [Charlotte] e filha [Eva], às voltas com um passado de omissões, ressentimentos, reivindicações nunca atendidas, nos deixando com uma pergunta a respeito de certos danos na infância: a reparação é sempre possível? Há sempre possibilidade de perdão e aceitação?

Precisamos tantas vezes de uma afirmativa mais conclusiva para podermos continuar ou justificar nosso trabalho [ou a finalização dele]

no consultório, que corremos o risco de responder a essa ponderação de uma única forma. No entanto, como o trabalho em questão depende sempre de uma dupla, que embora siga sendo a mesma, varia todos os dias, a resposta poderá ser oscilante. A elaboração psíquica dentro de um tratamento, depende muito do paciente, mas também depende muito do analista. E depende muito do dia. No dia seguinte à morte de um ícone dos nossos tempos, Michael Jackson, a contemplação [não realizada] do suicídio de Eva pode nos parecer insolúvel. Eva insiste que uma resposta afetiva e efetiva de sua mãe seria o único caminho de resgate para sua vida, que dessa maneira se configura, nas suas palavras, como jamais podendo cortar o cordão umbilical. Permanece renitente, aguardando esse dia.

Michael Jackson, artista consagrado por várias gerações, revolucionário do videoclipe, ficou conhecido por sua síndrome de Peter Pan, encastelado no seu sítio de Neverland. Sua falta de infância, sabidamente castrada pelo seu próprio talento, um prodígio musical aos cinco anos, duramente explorado pelo pai, foi um fardo pesado para carregar. E embora [e talvez porque] esse talento florescesse, ainda por muitos anos, outros tantos setores da personalidade tiveram que se contorcer, voltando-se sobre si mesmo e asfixiando-se. Encaramos com pesar o ocaso precoce dessa estrela, aos cinquenta anos. Lamentamos que sua existência, em seus aspectos mais criativos, tenha sido abortada quando talvez ainda tivesse muitos frutos a dar. E nos perguntamos: poderia ter sido diferente? Seus traumas poderiam ter sofrido alguma elaboração que o salvasse de si mesmo?

Eva não era uma celebridade, mas era filha de uma celebridade musical. A fama tem seus efeitos colaterais, isolando o indivíduo no topo, onde deixa de enxergar o horizonte corriqueiro sem altitude. Este horizonte, de onde se avista mais facilmente que as relações mundanas, humanas, são construídas na base da compaixão, afinidades e empenho.

Mônica Aguiar

Sobre a Mesa

Tempo exíguo, atrasados que estávamos para o início da próxima mesa.

Que fazer com o que ainda gostaríamos de falar? A emoção viva que brotou dos textos expostos transitava agora no abraço que pretendia, no final, dar conta da gratidão pelo que foi realizado sem reservas.

Continua na pág.4

A hospitalidade ganha corpo desde a introdução, no trabalho de Aída, que se reporta aos cinquenta anos da Brasileira e a acolhida que sempre recebeu aqui. Cita Derrida, em epígrafe: “Um ato de hospitalidade só pode ser poético”. Assim, *Amor e Ódio*, tema do Simpósio, faz derivar das entranhas de sua antítese, o perdão e a reconciliação, a inveja e a gratidão, na palavra apaixonada de Aída Ungier e José Renato Avzaradel. E temos a constituição do sujeito na cultura, criador e “homicida” de si mesmo, construtor e demolidor, hospitaleiro e hostil, com suas brilhantes teorias, às vezes, absolutamente mal interpretadas, pelas suas atávicas pré-concepções. O que somos capazes de acolher, de hospedarmos em nós mesmos? Desde as nossas construções identitárias, na configuração do eu/não-eu, até a profícua indagação sobre a natureza da matéria com que impregnamos nossas teorias e as interpretamos, muito mais foi sendo desdobrado à nossa frente para dar conta, no terreno da episteme, do conhecimento que se quer crítico de si mesmo. E da tensão que há entre o amor e o ódio, entre a vida e a morte, entre o que dizemos e somos, brota um punhal com o qual Borges, na palavra de Aída, impregna de humanidade a construção teórica de Freud: “Freud se deparou com a luta feroz entre Tanatus e Eros”, pois no dizer de Borges “numa gaveta há um punhal,... que sonha o seu singelo sonho de tigre,... que presente em cada contato, o homicida para quem o criaram os homens”. E este punhal atravessou os limites da poética de Borges, as linhas e entrelinhas da belíssima construção do trabalho de Aída e atingiu uma declaração de Melanie Klein, trazida à luz no inquiridor e vivo texto de José Renato, *O Amor e Ódio na teoria e na clínica*. É Melanie Klein quem fala no seu texto: “_houve uma época em que me senti muito mal, pois meu trabalho para trazer à tona o problema da agressão levou ao resultado de que não havia nada que não fosse agressão. Eu fiquei desesperada. Tudo que ouvia nos seminários, na Sociedade, tudo era agressão... e a questão é que a agressão só pode ser tolerada, quando for modificada, mitigada, se pudermos trazer à tona a capacidade de amar.” Amor e ódio, pulsão de vida e pulsão de morte, culpa e reparação, perdão e reconciliação, o destrutivo e o criativo, compaixão, impulso à integração: temática humana que alimenta a mesa, a nossa manhã de sábado e a nossa extensa atividade clínica. E que traz a vida, que perdoando-se a si mesma por seus desatinos, reparando os seus movimentos destrutivos, reconcilia-se, apontando e compondo o mosaico processual, inventando o caleidoscópio para infinitas combinações dos seus pares antitéticos, no incansável sonho humano da sua eterna busca por atribuição de sentido. E criativa, infinitamente criativa, passeia sua finitude, instigando o homem ao fabuloso trabalho de conhecer e solidarizar-se. “Enfim, entre flores e punhais, alcancemos a reconciliação possível,” conclui Aída o seu precioso texto. O punhal então, que não esteve esquecido na temática da mesa, aporta na fala espontânea e entusiasmada da Marci, que comentadora extremamente criativa, faz surgir uma caneta desenhada com flores, e sorridente, diz que ali estava o punhal, a caneta que circulando na mesa escreve o inventário sempre surpreendente das paixões humanas, seus crimes, seus horrores e suas mais belas e significativas sublimações. Bem-vinda manhã de sábado, hospitaleira, chuvosa, poética e promissora! Bem-vinda a vida, que recebeu da Marci, o reconhecimento de “ser maravilhosa!” Bem-vinda a mesa, nascida da vocação psicanalítica por descobrir caminhos que resgata para o homem o seu “impossível chão”.

Fátima Amin



José Hamilton, Teresa, Sergio Almeida e Leticia

Encerramento

Encerramos sábado, com chave de ouro, o *Simpósio sobre o Amor e Ódio* iniciado na quinta-feira.

Ouvimos seis apresentadores divididos em duas mesas, que nos trouxeram a visão sobre o tema, de cada uma das correntes psicanalíticas que convivem na nossa Sociedade. Foram todos muito felizes, trazendo trabalhos consistentes e claros, que suscitaram comentários igualmente ricos, dos colegas presentes.

Na primeira mesa, Aida Ungier nos falou de Winnicott, num trabalho extremamente poético e criativo, fazendo jus ao pensamento winnicottiano. José Renato Avzaradel falou de Klein, focando nas distorções que existem em relação ao entendimento de suas idéias, e Marci Doria fez seus comentários a partir do seu referencial da Escola Francesa, mas de uma maneira mais abrangente, sempre brilhante.

Na segunda mesa, Leticia Neves nos falou de Kohut, esclarecendo os mal entendidos a respeito do pensamento daquele autor, no trabalho que chamou de *Fatos e Boatos*, José Hamilton nos fez um apanhado esclarecedor das idéias de Bion e Sergio Almeida encerrou as apresentações, trazendo seus comentários a partir das idéias de Freud.

Não por acaso deixamos a última palavra a Freud, já que são ainda seus conceitos metapsicológicos que fundamentam nosso trabalho como psicanalistas, e a meu ver, só havendo uma clareza quanto a eles, é que podemos evitar cair numa Babel psicanalítica, em vez de continuarmos promovendo um diálogo científico, sem radicalismos ou discriminações, como o que pudemos realizar nesta manhã.

Inconsciente, Transferência, Resistência, noções da estruturação do Ego, Identificação primária, são conceitos fundamentais para desenvolvermos nosso trabalho e para podermos continuar desenvolvendo novas idéias.

Há, contudo, como foi apontado durante nosso debate, diferenças importantes nos conceitos de alguns autores, e que mereceriam um futuro debate mais preciso. Talvez possamos pensar num futuro simpósio que pudesse levar o título, sugerido indiretamente por alguns colegas, que seria “Para sermos fiéis a Freud, temos que continuar caminhando”.

A Sociedade está de parabéns, dando provas de maturidade ao promover este diálogo, acolhendo as várias correntes de pensamento, podendo conviver com as diferenças sem posições radicais ou discriminatórias, mantendo um nível de debate científico que possa cada vez mais, fortalecer a Psicanálise.

Teresa Mancini